



JUSTIÇA

Técnico da ginástica olímpica condenado

Juíza aplica pena de 109 anos e oito meses a Fernando de Carvalho Lopes pelo crime de estupro de vulnerável contra quatro vítimas, em processo iniciado em 2016. Mais de 40 ginastas afirmaram ter sofrido abusos

» JOÃO GABRIEL FREITAS*

Fabio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil



Treinador orientou vários atletas de renome e integrou a comissão técnica da equipe nacional

O ex-técnico da seleção brasileira de ginástica olímpica Fernando de Carvalho Lopes foi condenado a 109 anos e oito meses de prisão por abusos sexuais a atletas entre 1999 e 2016. A decisão da 2ª Vara Criminal de São Bernardo do Campo ordena reclusão em regime fechado pelo crime de estupro de vulnerável contra quatro vítimas.

A medida foi tomada, ontem, em primeira instância, mas Lopes pode recorrer contra a condenação. A defesa pretende apresentar novos argumentos em favor do ex-técnico ao Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP), ao passo que o Ministério Público fornecerá o contraponto para análise da Corte. Caso a condenação seja confirmada em segunda instância, a defesa ainda poderá recorrer ao Superior Tribunal de Justiça (STJ) e, em último caso, ao Supremo Tribunal Federal (STF).

Além dos processos a que responde na Justiça Civil, Lopes foi penalizado pela Justiça Desportiva. O ex-treinador foi banido do esporte pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) e pela Confederação Brasileira de Ginástica (CBG). Entretanto, em

2020, ele obteve uma liminar do Tribunal de Justiça de Sergipe, estado sede CBG, para suspender a decisão de afastá-lo até que seu recurso seja julgado.

O caso corre no Poder Judiciário desde 2016, após denúncias

de atletas por meio de uma reportagem da Rede Globo. Ao todo, 40 ginastas afirmaram ter sofrido abuso entre 1999 e 2016, mas somente quatro são citados no processo como vítimas, enquanto os demais são tratados

como testemunhas. O ex-treinador foi denunciado com base nos artigos 271-A (estupro de vulnerável) e 226 inciso II (agravante pela relação de poder em relação às vítimas).

“O regime inicial de

cumprimento de pena será o fechado, em razão do quantum de pena aplicado, da gravidade e da hediondez do crime de estupro de vulnerável praticado pelo acusado contra quatro vítimas, durante longo período de tempo, valendo-se da sua condição de técnico dos atletas e da autoridade que exercia sobre elas”, escreveu, em um trecho da decisão, a juíza Fernanda Alves da Rocha Branco de Oliva Politi.

Fernando de Carvalho Lopes chegou à ginástica sem grande histórico na modalidade. Tinha um passado no vôlei, mas se especializou em descobrir novos talentos por meio do recrutamento de jovens atletas, as chamadas “peneiras”. Trabalhou boa parte da vida no Mesc, pequeno clube em São Bernardo do Campo (SP) que se transformou em referência na ginástica de base. Lá, ele formou ginastas campeões brasileiros e sul-americanos e viu vários deles chegarem à seleção nacional.

Após o sucesso na base brasileira passou a ser chamado para participar de campeonatos organizados pela Confederação Brasileira de Ginástica, a partir de 2011. Ao mesmo tempo, atuava como árbitro em competições

organizadas pela entidade. No entanto, só foi cogitado para o time brasileiro depois da Olimpíada de Londres, em 2012.

Outro capítulo importante em sua carreira aconteceu em 2014, quando conseguiu financiamento para seu projeto no ASA, clube também de São Bernardo, em parceria com o Mesc. Com verba à disposição, contratou estrelas como Diego Hypolito e Caio Souza. A partir disso, Fernando Lopes foi integrado à comissão técnica da seleção brasileira permanente criada pela CBG. Ao lado de outros técnicos, foi responsável por preparar a equipe dos Jogos Olímpicos do Rio, em 2016. O treinador ganhou mais força com a recuperação de Diego Hypolito antes da Olimpíada, que teve um ciclo complicado e não alcançou grandes resultados.

A ascensão de seu principal atleta o alavancou ao posto de um dos principais técnicos do país, mas, às vésperas da Rio 2016, foi acusado de abuso sexual por um atleta, menor de idade, que treinava no ASA São Bernardo. Com isso, foi afastado da comissão técnica da seleção brasileira de ginástica a um mês da Olimpíada, em junho de 2016. Desde então, vários atletas endossaram as denúncias.

Itália pede ao Brasil extradição de Robinho

» MARCOS BRAZ*
» VÍCTOR PARRINI*

O Ministério de Justiça italiana pediu ao Brasil a extradição do jogador Robinho, condenado naquele país por crime de estupro, cometido em uma boate de Milão, em 2013, na época em que o atleta jogava na Itália. Porém, mesmo com a condenação em última instância e sem direito a recurso, Robinho não deve ser enviado para cumprir pena na Itália, já que a Constituição Federal não permite que cidadãos brasileiros sejam extraditados.

“A Constituição veda a

extradição de brasileiros natos, exceto por crimes de tráfico internacional de drogas, que não é o caso do Robinho. Essa medida sempre existiu e tem o objetivo de proteger os cidadãos brasileiros de possíveis abusividades de tribunais estrangeiros”, explica o advogado Bruno Henrique de Mora, membro da Comissão de Direito Desportivo da OAB-DF, Bruno Henrique de Moura.

O que acontecerá com o jogador daqui para frente, porém, ainda é incerto. Oberdan Costa, advogada criminalista, explica que existe a possibilidade de cumprimento de pena no Brasil. “Enviar o Robinho

para a Itália está fora de questão. Mas a Itália pediu também a transferência da execução da pena. Então existe ainda um debate sobre a possibilidade ou não da transferência de execução”, salientou.

Especialistas, porém, consideram que essa também é uma possibilidade remota. Nos últimos três anos, apenas um pedido como esse foi feito à Secretaria de Cooperação Internacional da Procuradoria-Geral da República (PGR). O caso segue tramitando no Superior Tribunal de Justiça sem previsão de julgamento, indicando que casos parecidos, como o de Robinho, não devem ter

um fim tão cedo.

Com a condenação, porém, o jogador não pode viajar para Estados Unidos, Canadá, Chile, Argentina, Austrália, Colômbia, China e todos os 50 países signatários da Convenção Europeia de Extradicação, sob o risco de ser preso. Apenas algumas nações como Jamaica, Namíbia, Camboja, Emirados Árabes, Cabo Verde não tem acordo de extradição com a Itália. Enquanto não sair do Brasil, Robinho segue livre. (Colaborou João Gabriel Freitas*)

*Estagiários sob a supervisão de Odail Figueiredo

Santos F.C./Divulgação



Jogador corre o risco de ser preso se viajar para fora do país



ALEXANDRE GARCIA

QUEM ACREDITOU EM PESQUISA FICOU COM A IMPRESSÃO DE QUE O PRESIDENTE SE FORTALECEU, COMO MOSTRARAM AS MANCHETES DO DAY AFTER; JÁ QUEM ACREDITOU NAS MULTIDÕES DAS RUAS, FICOU DESCONFIADO DOS RESULTADOS. TUDO PORQUE APARECEU ESSA ADIVINHAÇÃO QUE OFERECE UMA BOLA DE CRISTAL DIÁRIA

Frustrações da urna

A indecisão na eleição presidencial desse domingo frustrou os dois lados que agora vão para o segundo turno. O lado de Lula, porque acreditou nas pesquisas que traziam indicação de vitória no primeiro turno. O lado de Bolsonaro, que viu nas ruas e no oceano verde e amarelo a indicação de ganhar fácil no primeiro turno. Assim como as ruas deixaram Bolsonaro com ilusão, as pesquisas iludiram Lula deixando-o confiante a ponto de ausentar-se das ruas.

As pesquisas reincidiram nos erros graves da eleição de 2018. Em nove empresas de pesquisas, nenhuma previa

Bolsonaro com 43 pontos. Iam de 31 a 39. Entre as nove principais, apenas duas não apontaram Lula como vencedor em primeiro turno. O “agregador de pesquisas” do Estadão cravou 51 a 36 com a vitória de Lula. Em São Paulo, maior eleitorado, as pesquisas deram pouca importância a Tarcísio e ao Astronauta. Pontes elegeu-se senador com mais de 50% dos votos e Tarcísio liderou o primeiro turno. Aqui em Brasília, as pesquisas foram surpreendidas com Damareis; acertaram no governador, mas erraram a classificação dos demais.

Deputados e senadores eleitos estão se mobilizando em busca de uma CPI para apurar se pesquisas tentam manipular o eleitor, fazendo-o crer num resultado que possa influenciar na decisão do voto. Sempre achei complicado tirar conclusões com uma amostra milesimal do eleitorado que não é homogêneo. Com o sangue humano, o laboratório pode tirar resultados com uma gota, mas com o cérebro emotivo do eleitor, é difícil até consultando uma amostra de 1%, que seriam 1.560.000 eleitores — mas entrevistam de

2.000 a 7.000 pessoas. Amostragem de 0,0013 do todo — um eleitor representa 78 mil? Ponha-se ciência nisso. Acompanhei 25 eleições em 62 anos e nunca vi tanta pesquisa como agora. Notícia-se mais sobre pesquisa do que sobre os candidatos e suas intenções e programas. Impõem sobre o eleitor uma enxurrada de pesquisas, como se fossem eleições diárias. Com que objetivo?

Quem acreditou em pesquisa ficou com a impressão de que o Presidente se fortaleceu, como mostraram as manchetes do day after; já

quem acreditou nas multidões das ruas, ficou desconfiado dos resultados. Tudo porque apareceu essa adivinhação que oferece uma bola de cristal diária como revelação do resultado das urnas. Nesta eleição presidencial, pode ser que as pesquisas tenham querido entregar ao eleitor um fato consumado, mas o resultado disso nos candidatos pode ter sido o contrário, pois a consequência foi relaxar os músculos de Lula e estimular a atividade de Bolsonaro, que já fez maioria aguerrida na Câmara e no Senado. Formou um

Congresso praticamente inviável para seu adversário.

Esta saturação de pesquisas e de empresas de pesquisas revela uma atividade rentável, que encontra quem compre e encontra quem acredite. Mas desvia o eleitor do tema principal, que é não a torcida numa bolsa de apostas, mas pensar e debater sobre o passado do candidato, seu caráter, seu desempenho em cargo público, suas ideias e suas intenções. Muitas pesquisas, na prática e no cotejo com a realidade das urnas, mais parecem agências de apostas e de propaganda.

(cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)